

O PERFIL DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM DA UNIVAP – SÃO JOSÉ DOS CAMPOS / SP QUE TRABALHA NA ÁREA DA SAÚDE

Miriam K. E. Marques¹, Débora Ap. B. de Souza², Marcela C. F. Silva³, Angélica Borges S. Zago⁴, Ana Lúcia Costa⁵

¹Universidade do Vale do Paraíba/Enfermagem, Rua Lamartine M. S. Torres, 177, keilah_85@hotmail.com

²Universidade do Vale do Paraíba/Enfermagem, Av. São João, 191, regis.rabelo@bol.com.br

³Universidade do Vale do Paraíba/Enfermagem, Rua Umei Kanno, 84, mazinhacris@yahoo.com.br

⁴Universidade do Vale do Paraíba/Enfermagem, Av. Shishima Hifumi, 2911, – Urbanova, adalangezago@uol.com.br

⁵Universidade do Vale do Paraíba/Enfermagem, Av. Shishima Hifumi, 2911, enfermeiracosta@terra.com.br

Resumo- O mundo atual exige do trabalhador o aprimoramento de seus conhecimentos técnico-científicos. A busca constante de atualização profissional leva, cada dia mais, profissionais já inseridos no mercado de trabalho às universidades. Todavia, esta busca nem sempre é fácil, podendo gerar fatores de desgaste à este estudante, que, para concluir seus estudos na universidade, precisa manter-se no ambiente do trabalho. Esta pesquisa teve por objetivo estabelecer o perfil destes alunos da Univap, verificando, ainda, as conseqüências desta dinâmica de vida – ser um estudante-trabalhador. Para a realização da pesquisa foi utilizado questionário, baseado na pesquisa “A condição social do estudante-trabalhador: um dilema vivido entre os acadêmicos da Unoesc/ São Miguel do Oeste”, realizada por Santi (2002). Concluímos através desta pesquisa que o sujeito da pesquisa é mulher, de 20 à 30 anos, solteira, proveniente de escola pública e que, no trabalho, esta dinâmica de vida traz queda na produtividade como principal conseqüência, estando este sujeito está razoavelmente satisfeito com sua formação acadêmica.

Palavras-chave: acadêmico, educação, enfermagem, trabalhador.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Introdução

O mercado de trabalho tem passado por diversas mudanças, tais como: as altas taxas de desemprego, a flexibilização da força de trabalho (contratos de tempo parcial, subcontratação e terceirização), que inscrevem-se no mesmo processo que articula o discurso por maiores níveis de escolaridade dos trabalhadores que permanecem empregados. (SEGNINI, 2000)

A educação e a formação profissional são capazes de possibilitar a competitividade e intensificar a concorrência, adaptar trabalhadores as mudanças técnicas e minimizar o efeito do desemprego. Segundo Pasqualotto (2000) as instituições de ensino podem servir ao trabalhador, na construção de seu conhecimento e também destinam-se a socializar os instrumentos básicos e os princípios teóricos e metodológicos socialmente construídos.

Takahashi (1994) refere que a opção profissional do aluno de enfermagem nestas instituições de ensino tem por motivos: o relacionamento humano, a atuação na área da saúde, conhecimentos anteriores sobre enfermagem e facilidades proporcionadas pela opção. O que concorda Saube et. al (2004) quando afirma que o acadêmico de enfermagem é um ser humano que fez uma opção de vida de cuidar e ajudar os outros seres humanos. E que, no processo de aprimorar-se para realizar várias

ações que integram esse trabalho, enfrentam situações de sofrimento para seu processo de humanização e, também podemos assim dizer, na sua vida acadêmica.

Portanto temos como alvo deste estudo o acadêmico de enfermagem que trabalha na área da saúde que, além de enfrentar tribulações no processo de aprimorar-se, tem que enfrentar as pressões de local de trabalho conciliando as duas atividades, sendo objetivo desta pesquisa estabelecer o perfil do acadêmico de enfermagem, da Univap, que trabalha na área da saúde, verificando a relação trabalho x estudo.

Metodologia

O cenário desta pesquisa foi a Faculdade de Ciências da Saúde (FCS) da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), em São José dos Campos, situada à Avenida Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova, abrangendo o curso de enfermagem. Trata-se de um curso semestral, com vestibular anual e matrícula semestrais, duração de 8 períodos e funcionamento matutino.

Constituíram-se sujeitos desta pesquisa 22 acadêmicos do 1º período, 10 acadêmicos do 3º período, 11 acadêmicos do 5º período, e 8 acadêmicos 7º período, do curso de enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde da Univap – São José dos Campos, os quais totalizaram 51

voluntários, sendo destes, 9 homens e 42 mulheres na faixa etária de 20 à 61 anos, que trabalham na área de saúde como técnicos, auxiliares ou estagiários extra-curricular remunerados.

Como instrumento de coleta de dados para a pesquisa utilizamos um questionário elaborado com base na pesquisa “A condição social do estudante-trabalhador: um dilema vivido entre os acadêmicos da Unoesc/ São Miguel do Oeste”, realizada por SANTI, 2002. O questionário compreendeu duas partes: a parte I constituiu-se de informações sobre o perfil pessoal – idade, estado civil, sexo, formação escolar, tempo de trabalho na área, cargo atual, quantidade de empregos, renda mensal, carga horária semanal e forma de pagamento das mensalidades; a parte II constituiu-se de informações sobre a relação trabalho x estudo, horas de estudo extra-muros, destino pós-expediente, horas de intervalo entre expediente e aula, interferência do trabalho na formação acadêmica, atividades extracurriculares, conseqüências do trabalho e estudo, média de notas e grau de satisfação com a formação acadêmica. Conteve, a parte I, perguntas abertas e fechadas, e a parte II somente perguntas fechadas. Todos os sujeitos da pesquisa receberam uma “carta ao voluntário”, onde lhes foi explicado os objetivos desta pesquisa e qual sua participação na mesma e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, e suas identidades permaneceram no anonimato. Esta pesquisa foi realizada, após aprovação nº H017/2006/CEP pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Paraíba – São José dos Campos, conforme a Resolução n.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados

Nos dados colhidos, notamos que, dos 51 sujeitos da amostra, 22 (43%) atualmente cursam o primeiro período do curso, 10 (20%) cursam o 3º período, 11 (22%) cursam o 5º período e 8 cursam o 7º (15%) período do curso de enfermagem.

Outro fato que nos confirmou o que já era por nós esperado, foi o resultado da sexualidade da população pesquisada representados na Figura 1. apenas 9 (18%) dos sujeitos pesquisados são do sexo masculino, e 42 (82%) são do sexo feminino.

Referente à motivação da escolha pelo curso de enfermagem, pudemos observar que, 9 (17%) sujeitos da população pesquisada escolheram o curso buscando a realização pessoal, 14 (27%) escolheram o curso buscando a realização profissional, 6 (12%) sujeitos buscaram o curso para o aperfeiçoamento de seus conhecimentos, 8 (16%) por gosto pelo curso, 2 (4%) por influência familiar, e 11 (22%) por múltiplas motivações, e

houve ainda 1 (2%) que não informou sua motivação para a escolha do curso.

Dentre os dados encontrados em nossa pesquisa, nos chamaram a atenção os dados referentes à carga horária dos alunos no âmbito do trabalho representado na Figura 1.

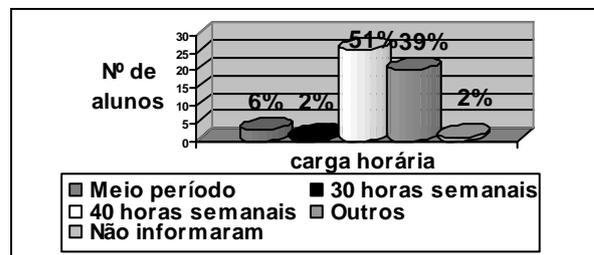


Figura 1 – Carga Horária de Serviço.

Concomitante a isso verificamos que 6 (12%) sujeitos não têm tempo disponível para estudar fora da faculdade, 14 (27%) conseguem estudar menos que uma hora por dia, 20 (39%) têm disponível apenas de uma à duas horas por dia para estudo, enquanto 5 (10%) possuem tempo disponível de duas à três horas por dia de estudo, e a mesma quantidade de sujeitos possuem tempo de três a quatro horas por dia, e 1 (2%) não informou.

Nesta mesma linha, verificamos o destino pós-expediente dos alunos, representados na Tabela 1.

Tabela 1 – Destino dos alunos pós-expediente de trabalho.

Destino pós-expediente	Quantidade	%
Faculdade	41	80
Casa	9	18
Não informaram	1	2
Total	51	100

Destes 41 alunos que vão do expediente para a faculdade, 21 (51%) sujeitos têm menos que uma hora de intervalo entre expediente e aula, 14 (35%) têm de uma à duas horas de intervalo, e apenas 3 (7%) sujeitos possuem quatro horas ou mais de intervalo entre expediente e aula. Houve 3 (7%) sujeitos não informaram a quantidade de horas de intervalo.

Nossa pesquisa revelou ainda que, o trabalho influencia na formação acadêmica de diversas formas: 18 (36%) sujeitos da pesquisa referiram que o trabalho influencia a formação acadêmica na falta de tempo para estudar, 6 (12%) referiram que têm dificuldade de assimilar a matéria, 7 (14%) mostraram que sofrem com a falta de concentração em sala de aula, 17 (34%) referiram que são múltiplas as interferências, e apenas 1 (2%) referiu não sofrer nenhum tipo de

interferência, havendo 1 (2%) sujeito não informou os dados.

A Figura 2 representa as conseqüências do estudo concomitante ao trabalho.

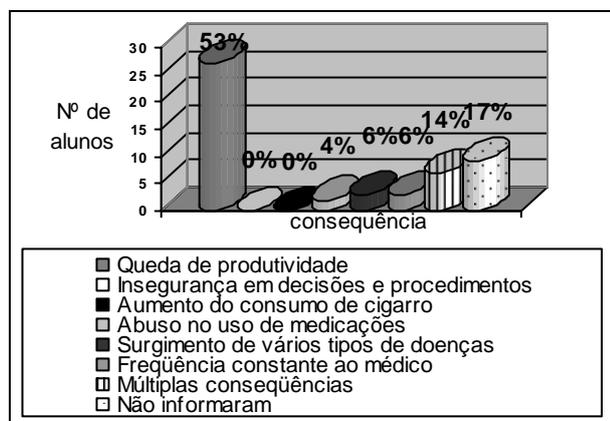


Figura 2- Conseqüências do estudo concomitante ao trabalho.

Por fim, estará este sujeito satisfeito com seu desenvolvimento acadêmico? Verificamos que 10% dos alunos estão satisfeitos com sua formação, 76% estão razoavelmente satisfeitos, enquanto 12% apresentam-se insatisfeitos. Apenas 2% não informaram.

Discussão

Como já referido, pudemos observar que houve uma maior procura por profissionalização na área ao longo dos anos, uma vez que o número de sujeitos do 1º período do curso supera o número de sujeitos que trabalham na área e cursam o 7º período do curso. Isto é significativo, e podemos dizer, bom, uma vez que segundo Pasqualotto (2000) "O trabalhador, quaisquer que seja sua área de atuação não está livre de sofrer constantemente alterações nos tipos de requerimento que lhe é solicitado". Isto vai de encontro ao autor Segnini (2000) o qual refere que o mercado de trabalho sofre constantes alterações, trazendo desemprego e insegurança, originando um processo que exige maiores níveis de escolaridade dos trabalhadores que permanecem empregados. Aos trabalhadores do mundo atual há exigências, adaptar-se as mudanças, processos técnicos cada vez mais novos e um cliente cada vez mais exigente com nossos serviços. Isso exige atualização e crescimento profissional, o que pode ser visto nos dados encontrados em nossa pesquisa.

No tocante ao sexo dos alunos do curso de enfermagem, verificamos que a predominância é do sexo feminino. Isto comprova o que o autor Pizzoli (2005) refere em sua pesquisa, onde ele afirma que a enfermagem possui percentual predominante de mulheres, comprovados por

dados de entidades oficiais de estatística. Historicamente a mulher batalhou para conseguir seu espaço no mercado de trabalho. E após tantas lutas, existir uma profissão cujo sexo é majoritariamente feminino nos traz satisfação, e, assim podemos dizer, orgulho, pois temos conseguido conquistar nosso lugar no mercado de trabalho.

E o que tem levado essas mulheres "batalhadoras" ao mercado? Santi (2002), referiu em sua pesquisa que o âmbito do trabalho exige dos funcionários a atualização, fazendo com que optem pelo curso que lhes dê oportunidades na evolução de sua carreira. Todavia o autor Takahashi, (1994), afirma que "a opção profissional do aluno de enfermagem pontua como principais motivos para sua opção: o relacionamento humano, a atuação na área da saúde, conhecimentos anteriores sobre a enfermagem, facilidades proporcionadas pela opção, entre outros". Concordamos que a enfermagem proporciona um relacionamento humano como talvez nenhuma outra profissão consiga fazê-lo, mas pudemos ver através dessa pesquisa que num mundo capitalista e consumista a realização profissional que a enfermagem pode trazer leva cada vez mais profissionais às universidades. O relacionamento humano está presente nessa profissão, mas não concordamos ser fator decisório para a escolha profissional.

Uma vez que optou pelo curso de enfermagem, o estudante-trabalhador tem dinâmica de vida repleta de atividades. Notamos que mais de 50% dos sujeitos da pesquisa trabalham 40 horas semanais. Acreditamos que isto pode interferir no tempo disponível para estudo extra-muros, o que é comprovado pelos dados encontrados no que se referiu à hora de estudos extra-muros, onde verificamos que 39% dos alunos têm apenas de uma à duas horas disponíveis de estudos extra-muros. Até que ponto a falta de tempo de estudo está influenciando o desenvolvimento acadêmico destes alunos? Pasqualotto (2000), refere que hoje solicita-se um trabalho que dê conta de acompanhar as mudanças, porém, para acompanhar as mudanças é necessário atualizar-se, e o trabalho deveria proporcionar ao trabalhador formas de fazê-lo. Mas isto tem acontecido? Concordamos plenamente com Pizzoli (2005), que afirma que levando-se em conta que os profissionais passam muitas horas dentro do ambiente de trabalho, se estas puderem ser agradáveis, as pessoas vão se sentir mais motivadas e, conseqüentemente, mais envolvidas com os objetivos da empresa.

Até que ponto o atendimento ao cliente está sendo prejudicado pelo cansaço ocasionado pela dinâmica de vida destes profissionais? Notamos que esta dinâmica de vida acarreta, para a maioria da população pesquisada, queda na

produtividade, e outros que referiram múltiplas conseqüências desta dinâmica. Este fator nos preocupou visto que a enfermagem por si só já traz fatores agravantes na vida ocupacional dos profissionais, como refere Pizzoli (2005), que todos eles enfrentam diariamente uma luta entre si mesmos e a dor, doença e morte. Estes fazem parte do seu cotidiano e somando-se à angústia e ansiedade deles próprios e do paciente que está, muitas vezes com a integridade física comprometida, com famílias transtornadas, que somam-se cada vez mais com fatores negativos proporcionados pelo ambiente caracterizado pela enfermidade.

Por fim, 39 dos sujeitos da pesquisa referiram estarem razoavelmente satisfeitos com sua formação acadêmica. E a discussão é: estará a instituição ou o local de trabalho realizando o que estão destinadas a fazer, como refere Pasqualotto, 2000, que as instituições de ensino, mesmo com todas suas limitações, destinam-se a socializar os instrumentos básicos e os princípios teóricos e metodológicos socialmente construídos, sendo essa a expectativa dos trabalhadores em relação a elas? A qualificação das instituições de ensino é uma forma de poder, que pode determinar outras formas de relação no interior da divisão social.

Conclusão

Concluiu-se através desta pesquisa que o perfil do acadêmico de enfermagem da Univap - São José dos Campos, que trabalha na área da saúde é por sua maioria, mulher, de 20 a 30 anos, solteira. Este sujeito teve formação em escola pública, e ficamos satisfeitos com isso, pois demonstra que o ensino público faz diferença na vida acadêmica de um aluno, e não o impede de ingressar numa universidade. Procurou o curso para realização profissional (profissionais realizados produzem melhor), já trabalha na área da saúde de um a cinco anos como auxiliar de enfermagem, numa carga horária de 40 horas semanais e possui apenas um emprego, o dando uma renda mensal de três salários mínimos, não recebendo incentivo, o que o faz pagar o curso com sua própria renda, os caracterizando como profissionais batalhadores, que não se cansam de melhorar seus conhecimentos, haja o que houver.

Referente à relação trabalho x estudo, concluiu-se que o sujeito se desloca do trabalho à faculdade, tendo menos que uma hora de intervalo. Embora cansados, esforçam-se para atingir seus objetivos ainda que mediano em suas notas. Ainda que tenha apenas uma a duas horas por dia de estudo, e uma rotina de vida que o leva a ter cada vez menos tempo disponível para o estudo e atividades extra-muros, não desistem. No trabalho, esta dinâmica de vida traz queda na produtividade como principal conseqüência, mas

sabemos que mesmo assim buscam um melhor cuidado aos clientes. Por final, pôde-se concluir que o sujeito está razoavelmente satisfeito com sua formação acadêmica, ainda que com tantas lutas e fatores desgastantes à sua frente.

Acreditamos que com o conhecimento, o indivíduo participa com mais consciência na sociedade. Estará, hoje, sendo formado um profissional competente técnico cientificamente e com mais consciência na sociedade? Esperamos que sim.

Referências

- PASQUALOTTO, M.M.C. Educação para o aluno trabalhador com dificuldades de freqüentar o ensino regular. Dissertação de Mestrado – Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em: <http://www.google.com/> Acesso em 7 fev.2006.

- PIZZOLI, L.M.L. Qualidade de vida no trabalho: um estudo de caso das enfermeiras do Hospital Heliópolis. **rev. Ciênc. Saúde Coletiva**, vol.10, nº 4; Rio de Janeiro; Outubro / Dezembro, 2005; ISSN 1413-8123. Disponível em: <http://www.scielo.com.br/> Acesso em 21 jul.2006.

- SANTI, L.C. A condição do estudante trabalhador: um dilema vivido entre os acadêmicos da Unoesc / São Miguel do Oeste; **rev. Visão Global**; ano-06; nº 18; junho – 2002.

- SAUPE, R.; et. al. Qualidade de vida dos acadêmicos de enfermagem. **rev. Latino-Americana de Enfermagem**, vol.12, nº 4; Ribeirão Preto; Julho / Agosto, 2004; ISSN 0104-1169. Disponível em: <http://www.scielo.com.br/> Acesso em 13 fev.2006.

- SEGNINI, L.R.P. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. **rev. São Paulo em Perspectiva**, vol.14, nº 2; São Paulo Abril / Junho, 2000; ISSN 0102-8839. Disponível em: <http://www.scielo.com.br/> Acesso em 13 fev.2006.

- TAKAHASHI, R.T. A opção profissional do aluno de enfermagem: um estudo na Escola de Enfermagem da USP. In: DOMENICO, E.B.L. Enfermagem: uma articulação entre escolha profissional, graduação e mercado de trabalho. **rev. O Mundo da Saúde**, vol.22, nº 5, ano 22; São Paulo, Setembro / Outubro, 1998.